

EUTANÁZIO: A RESISTÊNCIA NUMA TRAJETÓRIA DECADENTE EM “CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA” DE DALCÍDIO JURANDIR.

José Elias Pereira Hage¹

Prof.^a Dr.^a Marli Tereza Furtado (orientadora)²

Resumo: Em dez romances, publicados entre 1941 e 1978, o escritor paraense Dalcídio Jurandir (1909 – 1979) construiu o ciclo *Extremo Norte*, no qual se propôs revelar o viver Amazônico do ponto de vista de personagens fortes e de heroica humanidade. Em *Chove nos campos de Cachoeira*, primeira obra do ciclo, entramos em contato com o personagem EUTANÁZIO, que no decorrer do romance estabelece relações com traços característicos da pobreza e da decadência amazônica. Dalcídio Jurandir expõe uma realidade inquietante e contestadora de resistência aos padrões estabelecidos. A falta de bens e serviços essenciais e a carência de recursos econômicos são vistas como uma forma de exclusão social. Eutanázio se sente marcado pela terrível carência financeira em que vive. A falta de dinheiro repercute nele internamente, criando uma série de conflitos e divagações que o levam a escolhas pessoais que determinam sua desestruturação. A carência financeira reverbera na obra de Dalcídio explicitando também em outros personagens a consequência da pobreza. Em *Chove nos campos de Cachoeira*, em diversos trechos, a decadência circula Eutanázio e invade a sua intimidade em suas elucubrações internas, e por meio dela o personagem estabelece uma base de resistência contra o padrão estabelecido, desenvolvendo um comportamento que contraria o paradigma do sujeito capitalista. Ele caminha entre ruínas. Seu corpo tomado por uma doença que se prolifera, contra a qual não consegue (ou não quer) somar forças para lutar, expõe a sua falta de capacidade diante dos fatos da vida. O objetivo desse trabalho está no estudo das relações que se estabelecem a partir do olhar decadente do personagem para o mundo que o cerca.

Palavras-chave: Chove. Decadência. Eutanázio. Pobre. Resistência.

Abstract: In ten novels, published between 1941 and 1978, the Para Dalcídio Jurandir writer (1909-1979) built the Far North cycle, in which it proposed to reveal the Amazon live from the standpoint of strong characters and heroic humanity. It *Chove nos campos de Cachoeira*, the first work cycle, we contacted the EUTANÁZIO character, who in the course of the novel establishes relationships with characteristic features of poverty and decadence Amazon. Dalcídio Jurandir exposes a disturbing and disruptive reality of resistance to established standards. The lack of essential goods and services and the lack of economic resources are seen as a form of social exclusion. Eutanázio feel marked by dire financial need as they live. The lack of money affects him internally, creating a

¹ Mestrando em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: elishage@yahoo.com.br

² Professora do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: marlitf@ufpa.br

series of conflicts and ramblings that lead to personal choices that determine its faulty structure. The financial shortage reverberates in the work of Dalcídio explaining also other characters in the consequence of poverty. It *Chove nos campos de Cachoeira*, in several passages, the decay circulates Eutanázio and invades their privacy in their internal ruminations, and through the character establishes a base of resistance against the established standard, developing a behavior that contradicts the paradigm of subject capitalist. He walks among the ruins. His body taken over by a disease that proliferates, against which can not (or will not) join forces to fight exposes their lack of ability on the facts of life. The aim of this work is the study of relationships established from the decadent look of the character to the world around him.

Keywords: It rains. Decadence. Eutanázio. Poor. Resistance.

1. Decadência: um conceito.

Segundo o dicionário Aurélio, decadência é o “Estado daquele ou daquilo que decai; declínio, crepúsculo”.³ O dicionário informal da língua acrescenta ao conceito supracitado, que decadência também é “Enfraquecimento, abatimento, empobrecimento; Estrago, corrupção”.⁴

A palavra decadência tem sua raiz etimológica no latim. Ela deriva de DECADENTIA. “o que está estragado”, de DECADERE (formado por DE - ‘fora’ mais CADERE - ‘cair’. Literalmente a palavra decadência significa ato ou ação de cair ou estado do que caiu. Denota exatamente o enfraquecimento, o declínio, o que se estragou.

A decadência é um estado de degradação em que há a aproximação da ruína, do fim. É um ponto que determina um estado de mudança, o que está estabelecido de certa maneira passa por um processo de enfraquecimento e deixa de existir, dando lugar a uma nova realidade. A decadência tem um poder de movimentação, pois rompe com o fluxo contínuo da vida, que entra num processo de aceleração e desaceleração.

Tudo o que é contínuo é opressor. O lado positivo da decadência está no poder de modificar o preestabelecido. Esse constante movimento de aceleração e desaceleração da vida, possibilita o rompimento de paradigmas, viabilizando a

³ (FERREIRA, 2001. p. 203).

⁴ (<http://www.dicionarioinformal.com.br/decadencia>).

descontinuidade das coisas, a dissolução do ser. Esse estado pede uma ação excepcional, que visa à libertação.

A humanidade sempre caminha para a decadência, pois vivemos constantemente sob a ideia da exceção. “A tradição dos oprimidos nos ensina que o ‘estado de exceção’ em que vivemos é na verdade a regra geral”.⁵ Como a opressão se estabelece pelo estado de continuidade, o processo de dissolução possibilita a descoberta da verdade, pois é nesses momentos de declínio que ela mais aparece.

A exceção implora uma atitude enérgica com vistas à libertação e para a modificação acontecer é preciso ser radical e implodir os paradigmas. “A consciência de fazer explodir o *continuum* da história é própria às classes revolucionárias no momento da ação”.⁶ Como vivemos em constante estado de exceção, em guerra mesmo em momentos de paz, é a ruína, a decadência que causa a modificação, ou seja, a decadência possibilita o movimento que leva à revolução.

2. Decadência e Eutanázio.

Na obra “Chove nos campos de Cachoeira” a primeira referência feita ao personagem Eutanázio já é em estado de moléstia, num processo de dissolução, de enfraquecimento. No pensamento do irmão Alfredo, o outro protagonista da obra, a degradação é tão expansiva que parece se espalhar por tudo, impregnando o local onde moram.

“(…)Voltar para o chalé era, muitas vezes, ter de olhar na saleta o vulto de Eutanázio sozinho com aquela cara amarrada. Era tentar compreender por que motivo D. Amélia não lhe explicava a doença de Eutanázio, misteriosa moléstia essa que parecia invadir todo o chalé”.⁷

A ação da primeira obra do ciclo se passa em Cachoeira do Arari, cidade do interior do estado do Pará com o foco narrativo se alternando entre os dois protagonistas da obra: os meios-irmãos Alfredo e Eutanázio, o primeiro com quase dez anos e o segundo com quase quarenta. A narração se divide em vinte capítulos conduzida em

⁵ (BENJAMIN, 1987. p. 226).

⁶ (BENJAMIN, 1987. p. 230).

⁷ (JURANDIR, 1997. p. 16)

terceira pessoa, com utilização do discurso indireto livre e também com muitos monólogos internos, conferindo mais profundidade aos personagens. Eutanázio descobre-se doente e por conta disso inicia uma profunda reflexão sobre sua existência.

O nome do personagem remete a um procedimento que faculta a morte: a eutanásia, que é justamente o ato de levar à morte um ser humano doente, que esteja em estado crônico, e que normalmente se encontra em grande sofrimento físico e psíquico. Ela pode ser ‘ativa’, quando uma série de procedimentos são postos em prática, a partir de um acordo feito entre o doente e o profissional que praticará o ato. Ou pode ser ‘passiva’, quando as atitudes necessárias para manter o doente vivo são interrompidas ou não se inicia nenhuma ação médica, nesse caso não há um ato que leve à morte, mas também não há nada que a impeça.⁸

Eutanázio ao saber que está doente não toma nenhuma atitude para impedir o fluxo da moléstia, ao contrário, se volta contra qualquer um que queira apontar uma solução ou caminho para a cura. A sua ausência de atitude acena para o processo passivo da eutanásia, pois não impede a aproximação da morte, ao mesmo tempo em que caminha para a dissolução de si mesmo. “Vão ter pena do diabo mas não dele. Deixem ele com a sua doença! Ninguém tinha de andar se incomodando com ele”.⁹

Eutanázio é um personagem em declínio. Com quase quarenta anos, doente, suas reflexões o levam a digressões sobre sua vida, buscando desde a infância os motivos para o seu estado: percebe que se encontra em moléstia desde menino. Um ser decadente marcado pela morte, pela dissolução do ser.

E Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se sua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento.(...). Ele saltou de dentro dela como um excremento.(...). A gravidez fora uma prisão de ventre.¹⁰

A relação de Eutanázio com a decadência está nos pequenos detalhes. O personagem faz referência a um livro que viu numa livraria em Belém e que gostaria de

⁸ CF. (FRANCISCONI, Carlos Fernando; GOLDIM, José Roberto. Tipos de eutanásia. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eutantip.htm>>. Acesso em 01/07/2014.)

⁹ (JURANDIR, 1997. p. 25).

¹⁰ (JURANDIR, 1997. p. 22).

possuir: “(...) *Dores do Mundo*, o título. O autor era um nome difícil”.¹¹ O livro “*Dores do Mundo*” foi escrito por Arthur Schopenhauer, filósofo que viveu de 1788 a 1860. Nascido em Danzig, na Prússia. Ele pode ser tomado como um dos pilares do Decadentismo oitocentista, pois sua influência “É o substrato de um pessimismo total e absoluto.”¹²

À primeira vista a obra de Schopenhauer pode ser vista como pura e simplesmente pessimista. “*Dores do mundo*” clama que a existência humana só tem como fim a dor e a desgraça e que a dor individual, por mais que pareça diferente e maior que a de um semelhante, criando uma sensação de exceção, não é maior que a dor coletiva, na verdade a desgraça é uma realidade maior e que está contida de maneira geral na humanidade.

Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra.¹³

As reflexões existenciais da obra apontam para um olhar pessimista da humanidade, desnudando um caráter que subjaz ao amor pela dor, pelo enfraquecimento. No entanto ao nos aprofundarmos um pouco mais, percebemos que o propósito do filósofo está no redimensionamento da forma de pensar a dor e a felicidade. Ele revoluciona a forma de pensar essas coisas. A existência, para o filósofo, tem como finalidade a dor, pois é ela que possibilita sentir verdadeiramente o mundo, visto que, se o ser humano vivesse sem nenhum tipo de dificuldade, com todas as suas vontades plenamente atendidas viveria em assomos de soberba até alcançar a total insanidade. “Em todo o tempo, cada um precisa ter um certo número de cuidados, de

¹¹ (JURANDIR, 1997. p. 22).

¹² (MORETTO, 1989. p. 19).

¹³ SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em:

<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014

dores ou de miséria, do mesmo modo que o navio carece de lastro para se manter em equilíbrio e andar direito”.¹⁴

Para Schopenhauer, faz-se necessário e importante contestar os pressupostos estabelecidos pelos sistemas metafísicos, que entendem o mal como algo negativo. Do seu ponto de vista, o mal deve ser considerado positivo, visto que, viabiliza novas possibilidades, pois é ele que de fato se faz sentir. O bem, ao contrário, é praticamente imperceptível para a humanidade. Podemos ter uma vida muito próspera, mas basta um pequeno contratempo para nos taxarmos de eternos infelizes e perseguidos.

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... o bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto.¹⁵

Estar em decadência, então, é estar em situação positiva, visto que, todas as sensações estão afloradas, estamos mais sensíveis às opressões que nos cercam e se avolumam internamente, devidamente acomodadas em nossas gavetas existenciais fechadas dentro de nós. Estar em desacordo, num processo de dissolução, nos permite dizer as coisas com mais precisão, pois essas gavetas estão sendo reviradas, dessa maneira fica mais fácil criar uma revolução interna e a partir disso recriar a realidade que nos circunda. A decadência é uma resistência à realidade em que estamos inseridos.

Para Schopenhauer “o mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores”.¹⁶ Eutanázio, então, se vê como uma dessas almas atormentadas envolto por diabos que vivem a atormentá-lo. Ele só consegue perceber as coisas ruins que o perseguem, toda a sua história é percebida por ele como

¹⁴ SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em:
<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014

¹⁵ SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em:
<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014

¹⁶ (SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em:
<<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014)

impregnada de infortúnios, desde a infância. “Toda a sua infância fora triste, indecisa, infeliz”.¹⁷

Cresceu com um prazer pela destruição, pela guerra, com uma admiração por chacinas. Tecia planos mirabolantes de carnificina com seus desafetos. Queria esbofetear o pai, cortar a cabeça do professor e coloca-la num formigueiro, mas sempre engolia as raivas. “Eutanázio criara os monstros que o devoravam”.¹⁸

Com a alma atormentada e atizado por Irene, o maior demônio atormentador externo que o persegue: “O demônio, infelizmente, não existia em Cachoeira. Ou seria Irene? (...) era Irene, sim”¹⁹, por quem Eutanázio nutre sentimentos confusos, depois de ter sido destruído mais uma vez por ela, Eutanázio se entrega à Felícia, uma prostituta local, de quem pega a doença que o levará à morte. Felícia é outra personagem com características decadentes. A descrição da personagem, bem como do espaço em que acontece o ato, que é a casa da mesma, refletem um estado de dissolução, de ruína.

Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome. Estava descalça, gripada, assoando o nariz, no fundo do quartinho, onde tinha, na parede, uma estampa de Nova Iorque. Um pote d’água destampado, um caneco jogado no chão, um pedaço de esteira e um cachorro espiando pela porta.²⁰

Foi por meio do contato sexual com um homem da beira da doca, que Felícia suspeitou ter adquirido uma doença. E no dia seguinte, ainda incerta do acontecido, envolveu-se numa nova conjunção carnal, desta vez com Eutanázio, para quem transmitiu a terrível moléstia, que acabou por levá-lo à morte. Inclusive, em suas elucubrações internas, Eutanázio concluiu que havia ido ali apenas para isso: contrair a doença de Felícia. Compartilhar sua desgraça. “Mas aqueles minutos foram horríveis. No meio daquela luta, ele subitamente se levanta, como se tivesse ido apenas com ela para contrair o mal”.²¹

A relação de Eutanázio com a vida é uma relação decadente. Todas as suas relações e as situações em que se envolve são vistas por ele como “o seu mal estar

¹⁷ (JURANDIR, 1997. p. 35).

¹⁸ (JURANDIR, 1997. p. 30).

¹⁹ (JURANDIR, 1997. p. 139).

²⁰ (JURANDIR, 1997. p. 25).

²¹ (JURANDIR, 1997. p. 26)

infinito”.²² Esse mal estar com o mundo não o deixa perceber qualquer coisa positiva, como se tudo ao seu redor fosse somente miséria e dor.

Prova-o bem o fato de que a maioria dos homens, pode dizer-se todos os homens, são constituídos de tal modo que não poderiam ser felizes fosse qual fosse o mundo onde sonhassem encontrar-se. Se este mundo fosse isento de miséria e de dor, tornar-se-iam a presa do tédio, e na medida que pudessem fugir a este mal, recairiam nas misérias, nos tormentos, nos sofrimentos.²³

A vida de Eutanázio reflete a filosofia de Schopenhauer: o seu mundo só ganha movimento pela decadência, pela dor que o impulsiona. Como a decadência gera movimento, ele vive em constante inquietação. Eutanázio é um personagem que está sob o signo da transitoriedade, é uma figura que não consegue se enquadrar nos padrões estabelecidos pelos ditames sociais, sua inquietude o coloca em eterna movimentação.

3. Decadência e transitoriedade

Eutanázio é um andarilho, um andante que pensa. Recupera a figura do narrador. “Eutanázio gostava um bocado de passear pelos campos”.²⁴ Vive uma experiência individualista, de grande observador de si e do mundo ao seu redor. Um cronista. Fatigado em intermináveis autoanálises. “Como um zumbi, percorre as ruas de Cachoeira tão pobre e tão decaída quanto ele”.²⁵

Esse andarilho faz uma reflexão sobre a decadência que o circula, ao mesmo tempo em que é um reflexo dela. No sentido em que é um indivíduo que sai da normalidade. Por isso é um ser revolucionário, que impõe uma resistência ao que é preestabelecido. Eutanázio quebra o paradigma da normalidade. Ele rompe com o paradigma do sujeito capitalista, urbano, que acorda todo dia pra trabalhar. Ele rompe com o automatismo. É um Flanêur.

²² (JURANDIR, 1997. p. 41).

²³ (SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014)

²⁴ (JURANDIR, 1997. p. 23)

²⁵ (FURTADO, 2010. p. 26)

O flâneur, portanto, é o leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto.²⁶

O Flâneur é o ser que vê o mundo de uma maneira particular. Tem todo o tempo disponível a seu bel prazer e permite-se prazerosamente desperdiçá-lo, para horror da sociedade capitalista. Eutanázio é o contrário do ideal de homem capitalista, o oposto desse escravo do capital, ele se coloca dialeticamente como uma resposta a esse indivíduo autômato. “Não sabe o que fazer, não organizou um plano na vida, não tem emprego.”²⁷

Eutanázio sai da ideia da rotina do trabalho ao se tornar um vagabundo, um andarilho que só contempla. O primeiro rompimento de paradigma está na sua própria figura: um homem magro, feio, com cacos de dentes na boca. “Raquítico, tinha os olhos sombrios, os dedos trêmulos, contínuas dores de dente”.²⁸ O segundo está em suas reflexões advindas da contemplação, que são sempre pensamentos revolucionários de resistência em relação à realidade em que está inserido.

Eutanázio acabou não adivinhando a utilidade de saber ler e escrever. Tudo seria a mesma coisa. A vida teria a mesma cara e a mesma coroa, quem era rico e os que eram pobres, o almoço e o jantar, a fome e a morte. Deus, os anjos e S. Pedro com as chaves do céu. O sol nascia e morria. Queria aprender para mudar de sol. O sol nascer na meia noite.²⁹

A expressão da permanência da ruína está nas reflexões feitas pelo andarilho e de se perceber como parte dessa permanência. Ele caminha entre ruínas. Olha pra tudo e observa a miséria de tudo. Cria uma distinção entre o observador e o observado, sem criar uma posição privilegiada, pois imiscui-se na multidão, sua leitura se dá através de olhares fragmentários e momentâneos. “Emprestar uma alma a esta multidão é o desejo mais íntimo do flâneur. Os encontros com ela são para ele a vivência que nunca se cansa

²⁶ (MASSAGLI, 2008. p. 57).

²⁷ (JURANDIR, 1997. p. 45).

²⁸ (JURANDIR, 1997. p. 35).

²⁹ (JURANDIR, 1997. p. 37).

de narrar”.³⁰ O Flanêur é um “ocioso” que caminha como uma “personalidade”, que rejeita a divisão opressora de trabalho.

Os indivíduos que são utilizados como projeção desse andarilho são os artistas, que têm uma finalidade sem fim. Para o capitalista tudo tem que ter uma finalidade, tem que ter uma função e a arte não tem. Eutanázio também tentava se expressar pela poesia “Todo dia assinava o ponto na repartição das Musas. Era o mais assíduo dos funcionários”.³¹ Quando o pai pegou uma poesia sintetizou o ofício sem finalidade: “- Uma porcaria. Que ele cuide doutra vida. Uma porcaria. Está vagabundando.(...)”.³²

4. Decadência e morte

A ideia de ser uma exceção é uma constante na vida do personagem Eutanázio, dessa maneira, entendeu que para alcançar a própria libertação, somente uma ação excepcional surtiria efeito. Para legitimar uma revolução é preciso ser radical e proporcionar uma implosão dos paradigmas, tanto pessoais, quanto sociais. Os momentos de declínio falam muito mais a verdade. É preciso estar atento aos momentos de arrefecimento.

Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor.

³³

Eutanázio é um ser decadente. Marcado pela morte, pela dissolução do ser. O único caminho para a mudança, ou seja, para a grande revolução é a morte, a maneira mais eficaz para reverter ou inverter a própria vida. Talvez por isso Eutanázio se distancie de qualquer tipo de ajuda para curar sua doença, talvez por isso também a sua

³⁰ (BENJAMIN, 1989. p. 113).

³¹ (JURANDIR, 1997.p. 39).

³² (JURANDIR, 1997.p. 39).

³³ (BENJAMIN, 1987. p. 208).

vocação para chacina e o seu prazer pelo próprio aniquilamento, além da insistência em se autodenominar hipocondríaco e do seu silêncio de exumação.

Esse lado masoquista de Eutanázio revela também sua face também sádica e a necessidade de expandir seu ódio contra o mundo. Quanto mais se sente aviltado, mais necessidade tem de cumprir seu impulso de morte e mais justificativas encontra para efetivá-lo. Destruir-se é uma forma de destruir o universo.³⁴

Caminhou para a morte como a única alternativa para modificar o estado decadente em que sempre viveu, para Eutanázio as dores do mundo que sentia, de acordo com o livro do autor de nome difícil, só poderiam ser curadas com uma nova vida, que só viria pela experiência da morte, pois a vida para ser de outra maneira, teria que ser outra coisa.

Não bastaria, portanto, para conduzir o homem a um estado melhor, coloca-lo num mundo também melhor; seria necessário transformá-lo inteiramente, proceder de forma que deixasse de ser o que é e se tornasse no que não é. Deve, pois, necessariamente, cessar de ser o que é; esta condição preliminar é a morte que a realiza.³⁵

Não se permitir curar foi o ato final da grande revolução de Eutanázio, o seu grande ato de oposição. A forma que encontrou para resistir à força externa. Como viveu sempre avesso aos padrões estabelecidos, sejam eles de qualquer tipo, tanto os de beleza, quanto os de trabalho, sua autopunição condiz com sua personalidade de contrariar os ditames da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*. Vol. 3. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 1ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FURTADO, Marlí Tereza. *Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

³⁴ (FURTADO, 2010. p. 29).

³⁵ SHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014

JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. Belém: Cejup/Secult, 1997.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. *Homem da multidão e o flanêur no conto "O homem da multidão" de Edgar Alan Poe*. In: Terra roxa e outras terras – revista de estudos literários. Vol. 12 (jun. 2008).

MORETTO, Fulvia M. L. *Caminhos do decadentismo francês*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1989.

Internet:

FRANCISCONI, Carlos Fernando; GOLDIM, José Roberto. **Tipos de eutanásia**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eutantip.htm>>. Acesso em 01/10/2014.

MITROVITCH, Caroline. *O anjo e o corcunda: imagens da história em Walter Benjamin*. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/posteres/GT17-3619--Int.pdf>>. Acesso em 1/10/2014

SHOPENHAUER, Arthur. *Dores do Mundo*. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/schopenhauer-a-dores-do-mundo.pdf>>. Acesso em 01/10/2014